



O Popular
ON-LINE

Opinião

Goiânia, 28 de abril de 2009

HOME

Artigo

ÚLTIMAS NOTÍCIAS

A crise e a ciência

EDITORIAS

Capa
Opinião
Cidades
Política
Economia
Mundo
Esporte
Magazine

COLUNAS

Giro
Direito e Justiça
Coluna social
Memorandum
Crônicas e
outras histórias

SERVIÇOS

E-mail
Cartas dos leitores
Assinatura
Acontece
Na telinha
Cinema
Horóscopo
Guia do Assinante
Central do Assinante
Efetuar Logout

CHARGE

ESPECIAIS

Goiânia 75 anos
Retrospectiva 2008

SITES

Vrum
Lugar Certo
OJC
Jornal do Tocantins
Tv Anhanguera
Goiasnet
Fundação J. Câmara
Rede Anhanguera
Executiva FM

CONTATOS

ASSINATURAS:
3250-5353
CLASSIFICADOS:
3250-5323
COMERCIAL DE
INTERNET:
3250-1323
ATENDIMENTO AO
ASSINANTE:
3250-1220

EXPEDIENTE

Raquel Teixeira

San José, na Califórnia, é uma cidade de 980 mil habitantes, com um forte perfil tecnológico. É o coração do chamado Vale do Silício, região nos EUA que virou paradigma do desenvolvimento da indústria de alta tecnologia. Em 2007, a cidade patenteou, fruto do conhecimento gerado em suas empresas e universidades, 3,5 mil produtos. O Brasil, naquele ano, produziu 120 patentes. Quando perguntado sobre a razão do sucesso intelectual e econômico da cidade, o prefeito não hesitou: "Criar ambiente para atrair e manter talentos". O resultado é um município com qualidade de vida excelente.

No Brasil, as universidades, especialmente as federais e as estaduais paulistas, têm sido historicamente o celeiro das pesquisas que têm alimentado o desenvolvimento científico e tecnológico. Se hoje temos a Embraer, devemos ao ITA, que formou tantos cérebros na área, que a indústria aeronáutica foi uma consequência. Diferentemente da indústria automobilística, a de aviões é brasileira. Podemos até usar um ou outro software estrangeiro, mas o projeto é nacional.

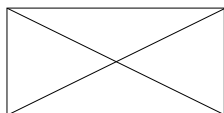
E o exemplo da Embraer se repete na Embrapa, na Petrobras ou em qualquer outro lugar onde haja estímulo à produção do conhecimento, que significa, entre outras coisas, dinheiro, estabilidade de regras, continuidade e previsibilidade no repasse dos recursos. Não é à toa que São Paulo sempre esteve à frente dos outros Estados. Desde os anos 60 a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp) vem investindo de forma sistemática no fomento à pesquisa científica e no financiamento de projetos de inovação tecnológica. O resultado, como no caso de San José, se traduz numa economia próspera.

Goiás foi um dos últimos Estados a criar sua Fundação de Amparo à Pesquisa, a Fapeg – em 12 de dezembro de 2005. A comunidade acadêmica, havia mais de 30 anos, se mobilizava nessa direção. Apesar de ter apenas três anos, a Fapeg se organizou, captou recursos fora de Goiás, pagou projetos antigos que estavam pendentes e abriu novos editais, que deram esperança a grupos de pesquisa.

Mas a esperança pode virar decepção. Um voto em separado, do deputado Evandro Magal, à PEC que altera os índices de repasse financeiro à UEG, Fapeg e Sectec, prevê a redução de orçamento da Fapeg de 0,5% para 0,1% da receita tributária, o que corresponde a uma redução de R\$ 40 milhões ao ano para R\$ 6 milhões, aproximadamente.

Todos entendemos a preocupação do governo (Executivo e Legislativo) em ter receitas e despesas compatíveis no Estado, mas não podemos alterar uma lei tão crucial para o futuro do Estado movidos por problemas que são temporários. O reitor da Universidade Federal de Goiás já se manifestou no sentido de que haja um escalonamento, não uma mudança, para o cumprimento da lei. Esse "ajuste de conduta" seria aprovado e acompanhado pelo Tribunal de Contas do Estado e pelo Ministério Público. Em 2008, por exemplo, foi investido mais do que 0,1% na Fapeg. Poderíamos partir desse patamar, de tal forma que em 2009 seriam aplicados 0,2%; em 2010, 0,3%; em 2011, 0,4% e em 2012, 0,5%. Dependendo da recuperação das receitas, o teto de 0,5% poderia ser

atingido antes de 2012. O que não tem sentido é alterar a lei.



Estive há 20 dias em Washington (DC), com o presidente da Comissão de Ciência e Tecnologia, deputado democrata Dan Gordon, líder da bancada do Tennessee, discutindo Ciência e Tecnologia no Brasil e nos EUA. O país que mais profundamente sofre as consequências de uma crise econômica sem precedentes aposta todas as suas fichas na ciência e tecnologia. O orçamento dos Estados Unidos para 2010 é de US\$ 3,6 trilhões. Número ao qual é somado um pacote de US\$ 787 bilhões que visa dar uma injeção vital na economia e que prevê mais de US\$ 100 bilhões para pesquisa científica. Volume proporcionalmente maior do que na época do Projeto Manhattan, que construiu a bomba atômica, e do que durante o Projeto Apollo, responsável pela viagem do homem à Lua.

É o maior investimento em ciência da história de um país. A ciência é peça chave da política do presidente Barack Obama, que tem dito que nenhuma crise justifica o corte nos recursos necessários à produção de novos conhecimentos. O Brasil tem tudo para sair dessa crise em um novo patamar, dependendo da forma como conduzir o caminho de saída. Cada Estado deve fazer a sua parte. Retroceder no que conseguimos com a Fapeg seria incorrer em erro histórico.

Raquel Teixeira é professora universitária, pesquisadora e deputada federal (PSDB)

ÍNDICE
